

**“O TCU é um órgão de assessoria do Legislativo, mas às vezes está parecendo o próprio Legislativo”**

tróleo na camada do pré-sal. Vamos ter leilões brevemente e precisamos de uma legislação. Caso contrário, vai prevalecer a legislação atual, que dá margens para não se cobrar nada. Além do mais, vai gerar uma série de demandas jurídicas que prejudicariam o processo. No limite, se a matéria for aprovada prejudicando Governo federal e estados, há a possibilidade de veto por parte do presidente da República. É melhor fazermos uma composição no Congresso. Quero crer que podemos concluir a votação desses projetos na Câmara ainda em fevereiro.

**Outra tema controverso é o veto do presidente Lula ao Orçamento Geral da União de 2010 que liberou obras da Petrobras consideradas irregulares pelo TCU. O Congresso irá manter o veto?**

Defendemos a posição do Governo. Há alguns aliados que têm colocado algumas preocupações, mas observamos que são obras de interesse nacional, da maior importância. Há outros órgãos para acompanhar o andamento das obras, como o Ministério Público. Já tem muito o calor do debate eleitoral nessa discussão. O Governo não pode ficar parado.

**O presidente Lula tem reclamado da atuação do TCU. Mas não é um órgão importante para fiscalizar o uso do dinheiro público?**

O TCU é um órgão de assessoria do Legislativo, mas às vezes está parecendo o próprio Legislativo. Temos realmente que discutir sua atuação. Por conta de algumas imprecisões na definição do papel do TCU, alguns exacerbam. E não deixa de haver disputa política nisso. Os interesses do país têm de estar acima disso. Estamos vivendo um momento de cresci-

mento econômico depois de superarmos uma crise. Devemos contribuir para isso. É claro que a oposição está no papel dela, de criticar. Nós mesmos já fizemos isso. Defendemos o Governo, porque achamos que ele está correto.

**O senhor é a favor do projeto da ficha limpa, que proíbe candidatos que tenham sido condenados em primeira instância?**

Até assinei o projeto, mas reconheço que como ele está não tem clima para ser aprovado na Câmara. Então é necessário fazer alguns ajustes. O pior dos mundos é não aprovar o projeto. É um clamor da sociedade. Há um sentimento muito grave de impunidade, que degrada uma instituição tão importante como o Congresso. Temos de reconhecer que é um debate delicado. Há algumas preocupações dos que são contrários. A alegação é que o projeto cerceia o direito de defesa, o que seria inconstitucional. Além disso, não podemos generalizar, mas a primeira instância é politicamente muito vulnerável. Sabemos como é possível tramitar certos processos na primeira instância. Pode haver margens para injustiças se aprovarmos da forma como está. Mas isso é perfeitamente contornável. O presidente da Câmara, Michel Temer, criou uma comissão especial com representantes de todas as bancadas para buscar um texto consensual.

**Proibir quem foi condenado em segunda instância é uma solução?**

É um dos caminhos. Também podemos criar mecanismos de defesa, como recursos. Sou a favor de ficha limpa para todos os Poderes. Seria uma maneira de fortalecer a democracia e a coisa pública. Apoiamos esse esforço da moralização na política,

**“O pior dos mundos é não aprovar o projeto da ficha limpa. É um clamor da sociedade”**

mas não podemos descuidar para não cometer injustiças.

**Em oito anos, o Governo Lula não aprovou a reforma política. Foi um erro não priorizar o tema?**

É uma matéria difícil. Acredito que a sugestão que o PT apresentou de criar uma miniConstituinte exclusiva para discutir a reforma política no ano que vem, funcionando paralelamente ao Congresso, poderia produzir a reforma política. Nas condições normais, os parlamentares não votam nada que possa prejudicar sua eleição. Todos são favoráveis às reformas política e tributária. O problema é saber qual reforma.

**O senhor acredita que o PT deveria ter mais protagonismo no Governo Lula?**

A bancada do PT contribui para a aprovação dos projetos de interesse do Governo. Temos uma participação importante, mas o Governo não é só do PT e sim uma coalizão de vários partidos. Temos, inclusive, contradições programáticas dentro da coalizão, o que é natural numa democracia. O programa do Governo não é o mesmo programa do PT. Claro que nossa intenção é crescentemente dar mais protagonismo ao PT. Evidentemente, isso não é uma doação, mas uma conquista, com iniciativas, mobilizações, e contribuições. O PT é o principal partido que

sustenta o Governo Lula e segura a barra nos momentos mais difíceis. A bancada do PT é a mais solidária ao Governo e tem até, em alguns casos, mostrado maturidade para abdicar de algumas posições para atração de outros parceiros e ajudar na governabilidade. Temos que fazer certas concessões, mas reconheço que temos de lutar por mais espaço.

**É melhor ter um ou dois candidatos da base governista à sucessão presidencial?**

Quem é situação não se divide. Quando você é oposição é bom ter vários candidatos para a população escolher uma das opções e juntar as forças no segundo turno. Mas quando você está governando com ampla chance de vitória não há motivo para se dividir. Isso criaria uma tensão interna. Ninguém faz campanha sem atacar e a disputa pode beneficiar o adversário. Os campos políticos já estão definidos. É da história política brasileira a polarização entre PT e PSDB. Não vejo chance para muitas alternativas. Mesmo respeitando a legitimidade do Ciro Gomes, que é um quadro da maior qualificação, já há uma polarização instalada. Temos a questão das alianças nos estados. Vamos trabalhar para que tenhamos alianças estaduais sintonizadas com a disputa nacional, pois isso favorece a nossa pré-candidata, Dilma Rousseff.

**“Para a oposição é bom ter vários candidatos para a população escolher uma das opções e juntar as forças no 2º turno. Mas quando você está governando com ampla chance de vitória não há motivo para se dividir”**

**“As tendências são positivas, mas não podemos de forma alguma ficarmos no clima de “já ganhou”**

**Como o senhor recebeu o resultado das pesquisa CNT/Sensus, na qual a ministra Dilma Rousseff se aproximou do governador José Serra?**

Temos amplas chances de vitória, mas o processo eleitoral ainda está muito longe. Não temos razão para comemorar nada. Temos claro que será uma disputa dura. As tendências são positivas, mas não podemos de forma alguma ficarmos no clima de “já ganhou”. Nada está definido. Teremos que ter muita competência e juízo para não errarmos. Nosso principal adversário pode ser nós mesmos. Temos um Governo muito bem avaliado e uma base partidária com amplitude nacional. Isso nos dá a segurança de estarmos bem representados para a disputa política.

**As divergências entre PT e PMDB em alguns estados pode atrapalhar a aliança nacional?**

Em algumas situações poderemos negociar e contornar as divergências. Em outras, infelizmente, os palanques não serão os mesmos. Espero que isso seja feita com maturidade. Já tivemos uma experiência em Pernambuco quando tivemos dois palanques e ganhamos a eleição. Mas é preciso fazer isso com competência, com o toque refinado da política. Não pode ser feito com truculência, senão podemos ter surpresas desagradáveis. Se as dificuldades forem intransponíveis nos estados, vamos fazer dois palanques. Mas fazer isso no plano nacional, acho uma temeridade.

**O deputado Michel Temer, é o melhor nome para a vice da Dilma Rousseff?**

Essa é uma questão do PMDB, mas o Michel Temer é um nome extremamente qualificado. ☺